

## COLABORAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR

## COLLABORATION BETWEEN LIBRARIANS AND TEACHERS IN SCHOOL CONTEXT

*Helen de Castro S. Casarin<sup>1</sup>*

*André Luís Onório Coneglian<sup>2</sup>*

*Amanda Sertori Santos<sup>3</sup>*

*Etiene Siqueira de Oliveira<sup>4</sup>*

**RESUMO:** A biblioteca escolar é um dos espaços privilegiados para o contato dos alunos com recursos informacionais variados e para uma ação de mediadores no sentido de potencializar esta experiência. O relacionamento colaborativo entre estes mediadores, ou seja, entre bibliotecários e professores, é essencial para o planejamento e execução de atividades voltadas para aprendizagem. O presente artigo aborda alguns aspectos do trabalho colaborativo entre bibliotecário e professores e apresenta os resultados da aplicação de um modelo de colaboração junto a dois bibliotecários de duas escolas da cidade de Marília-SP. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista. A análise dos resultados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo a partir de quatro modelos de colaboração. Percebe-se que os modelos são aplicáveis ao contexto nacional e que não há um modelo de colaboração predominante nas escolas participantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biblioteca escolar. Bibliotecário. Professor. Colaboração. Competência em informação.

**ABSTRACT:** The school library is a preferential place for the contact of students with various information resources and action of librarians and teachers, like mediators in order to enhance this experience. The collaborative relationship between these mediators is essential for planning and implementing activities for learning. This article discusses some aspects of collaborative work between teachers and librarian and presents the results of applying a model of collaboration with the two librarians in Marília-SP, Brazil. Data collection was conducted with librarians from two schools, through interviews. The analysis was performed using the technique of content analysis from four models of collaboration. It is noticed that the models are applicable to the Brazilian context and that there is a model of cooperation prevailing in the participating schools.

**KEYWORDS:** School library. Librarian. Teacher. Collaboration. Information literacy.

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Professora do PPGCI, FFC/UNESP/Marília. Bolsista PQ CNPq. E-mail: helen.casarin@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pelo PPGCI, FFC/UNESP/Marília. E-mail: andre.coneglian@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do PPGCI, FFC/UNESP/Marília, Bolsista FAPESP. E-mail: amandasertori@hotmail.com.

<sup>4</sup> Mestranda do PPGCI, FFC/UNESP/Marília, Bolsista CAPES. E-mail: etiene.siqueira@yahoo.com.br

## 1 Introdução

A biblioteca escolar vem sendo redescoberta nos últimos anos. Vemos um aumento do interesse pela mesma registrado em artigos, eventos, reportagens e até mesmo com a publicação de livros sobre o assunto. Embora a realidade das bibliotecas escolares brasileiras, com raras exceções, ainda seja desalentadora, há um movimento no meio acadêmico e em entidades associativas, como reflexo da promulgação da Lei Federal 12.244/2010 (BRASIL, 2010), no sentido de resgatar o papel e a importância da biblioteca escolar.

Vários são os aspectos abordados nesta onda recente de publicações sobre o tema: a importância e pertinência da biblioteca escolar, seu papel em relação aos recursos de informática, entre outros. No entanto, o discurso queixoso ainda predomina, principalmente no relato de bibliotecários e responsáveis pelas bibliotecas escolares.

Em nosso país não há uma cultura de uso de biblioteca, ou seja, gerações e gerações passaram pela escola sem uso efetivo de bibliotecas, e mesmo fora da escola o seu uso é ainda mais restrito. Esta situação é ainda mais agravada pelo fato de que as tecnologias da informação estão presentes em nosso cotidiano e também nas escolas, como não poderia deixar de ser. Desse modo, estamos passando para uma cultura de uso de recursos informacionais digitais sem ter passado pela experiência de uso de bibliotecas.

Há vários fatores decorrentes dessa mudança. Entre eles, a falta de percepção das pessoas em relação aos diferentes tipos de fontes de informação disponíveis, suas funções, usos e diferenças da qualidade das informações divulgadas. Os nativos digitais e os imigrantes digitais não passaram pela experiência de utilizar bibliotecas, enciclopédias, almanaques, atlas entre outros recursos informacionais utilizados nas pesquisas escolares no passado não muito distante. Pode-se argumentar que, na internet, podemos ter acesso a todas estas fontes e a muitas outras, com a vantagem de que estas últimas dispõem de recursos multimídia, mais conteúdo, já que não estão limitadas aos custos e ao volume gerado pelo material impresso e com a possibilidade de atualização instantânea. Porém, o que se tem notado é uma predominância do uso de motores de busca, em particular o *Google*, e a aceitação dos resultados indicados por ele sem qualquer posicionamento crítico, ou um aproveitamento dos diferentes recursos informacionais que estão disponíveis na rede, como aqueles citados acima. Ou seja, apesar da grande quantidade de informações disponíveis em diferentes formatos, temos nos restringido às primeiras que nos são indicadas, sem uma avaliação crítica e sem esforço para encontrar e ter acesso a informações de melhor qualidade.

Aliado a isto está o fato de que a depender do modelo de educacional adotado, a biblioteca de fato é totalmente prescindível, como aponta Durban Roca (2010), visto que as apostilas e o acesso à internet e outros conteúdos digitais suprem as necessidades. Outro fator que tem dificultado a estruturação das bibliotecas escolares é que seu conceito, sua função e o papel dos responsáveis por ela, ou seja, o bibliotecário é pouco conhecido e valorizado pelos envolvidos no processo educacional, visto que eles vivenciaram o uso de bibliotecas escolares ou não. Isto torna o diálogo sobre a necessidade e configuração das bibliotecas com os dirigentes mais difícil.

Assim, este artigo visa refletir sobre o conceito de biblioteca escolar e a relação entre o bibliotecário e os demais agentes educacionais, em particular o professor.

## 2 Biblioteca escolar

O conceito de biblioteca escolar não é consensual. Sabe-se que a configuração das bibliotecas existentes nas escolas é bastante diversificada, incluindo desde uma coleção de livros, que circula na escola sem um espaço fixo para armazenamento até salas com recursos informacionais e tecnológicos variados, e dotadas com um profissional responsável. Durban Roca (2010) chama atenção para a necessidade de se explicitar o conceito de biblioteca escolar antes de qualquer ação relacionada à biblioteca. Segundo a autora,

Tanto as administrações que formam a função educacional da biblioteca escolar para desenvolver as ações pertinentes que possibilitem avançar em seu desenvolvimento. Se não o fazem e se o conceito não fica claro, se sob o mesmo termo conceituam-se coisas diferentes, será impossível avançar (DURBAN ROCA, 2010, p. 14).

O conceito tradicional de biblioteca escolar pode ser resumido da seguinte forma: “lugar aislado de la dinámica escolar, destinada a organizar y conservar libros y con un uso limitado” (GARCÍA-QUISMONDO; CUEVAS CERVERO, 2007, p. 57). Porém, na sociedade atual, as bibliotecas não podem se manter isoladas e se aterem à conservação de seus acervos. Seu papel é bem mais amplo.

No discurso oficial brasileiro recente, no entanto, a biblioteca escolar ainda é definida em moldes bastante tradicionais, como se vê no texto da lei sobre universalização das bibliotecas no país “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010). A definição é bastante restritiva e reduz a biblioteca a um acervo de documentos variados, mantendo a concepção de que proporcionar o acesso aos livros e outros documentos é suficiente para promover a leitura e a formação do indivíduo para lidar como atual contingente informacional. Concepção esta que é vista também em programas nacionais relacionados à leitura e às bibliotecas.

Dada esta falta de consenso sobre o conceito de biblioteca escolar, em particular no contexto brasileiro, e a insuficiência da definição do discurso oficial, em 2010 o Conselho Federal de Biblioteconomia, em parceria com o grupo de pesquisa liderado pela professora Bernadete dos Santos Campello - Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar – Gebe<sup>5</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais, elaboraram o documento “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares” (CAMPELLO et al, 2010). Este documento apresenta conceitos de biblioteca escolar e estabelece os padrões mínimos, chamados nível básico, que tem a função de “orientar a maioria das escolas que desejem criar sua biblioteca ou reformular espaços que ali já existem, mas que não podem ser considerados como biblioteca” (p. 8). O texto também apresenta o nível exemplar, que deve ser a meta a ser alcançada pelas bibliotecas.

Segundo esse documento, a biblioteca escolar é dispositivo informacional<sup>6</sup> que:

- conta com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar:
- o acervo;
- os ambientes para serviços e atividades para usuários;
- os serviços técnicos e administrativos.
- possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
- tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez;
- fornece acesso a informações digitais (internet);
- funciona como espaço de aprendizagem;
- é administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar. (p. 9)

Para a pesquisadora Bernadete S. Campello (2002, p. 7), biblioteca escolar: “mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea”.

Conforme Manifesto da Ifla/Unesco (2002), a biblioteca escolar deve propiciar informação e ideias fundamentais para auxiliarem o desenvolvimento intelectual dos alunos dentro da chamada

<sup>5</sup> <http://gebe.eci.ufmg.br/>

<sup>6</sup> “um dispositivo é uma instância, um local social de interação e de cooperação com suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, seus modos de interação próprios [...] implicando noção de intencionalidade, de ação realizada por pessoas ou materiais, tendo em vista um objetivo a ser alcançado.” (PIERUCCINI, 2004).

“Sociedade da Informação”. Para isso, o bibliotecário deve criar condições que possibilitem aos estudantes uma aprendizagem a respeito do contexto informacional, com seus recursos variados, e cuja qualidade da informação deve ser cuidadosamente verificada; além disso, o bibliotecário deve contribuir para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e de princípios éticos, a fim de que os alunos se tornem cidadãos responsáveis.

Assim, a biblioteca não se restringe ao acervo que dispõe, mas, conforme ilustra a figura a seguir, é a soma de três elementos primordiais: estrutura física (que inclui o espaço, o acervo e demais recursos informacionais e tecnológicos); profissional, ou seja, alguém que esteja preparado para atuar no contexto escolar que idealmente é o bibliotecário; e um programa, ou seja, um conjunto de atividades e serviços planejados e oferecidos pela biblioteca visando a aprendizagem do aluno, principalmente no que diz respeito à leitura, o uso de recursos informacionais, sem prescindir da função tradicional, que é dar apoio às atividades de ensino desenvolvidas na escola.



Fonte: adaptado de [http://www2.scholastic.com/content/collateral\\_resources/pdf/s/slw3\\_2008.pdf](http://www2.scholastic.com/content/collateral_resources/pdf/s/slw3_2008.pdf)

O Manifesto da biblioteca escolar da Unesco/Ifla (1999, p.1) acrescenta ainda que a biblioteca escolar

habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis [...] oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

Entre os diversos aspectos relacionados à constituição da biblioteca escolar, nos interessa aqui, particularmente, a relação entre o bibliotecário e o professor. Desse modo, passaremos em seguida a focar este tema mais detalhadamente.

### **3 Modelos de colaboração - bibliotecários e professores**

O relacionamento colaborativo entre bibliotecários e professores é fundamental para o planejamento e execução de atividades relacionadas à identificação, acesso e uso de recursos informacionais variados, para produção de novos conhecimentos e para o fomento à leitura. A importância desta parceria vem sendo apontada em vários estudos nacionais (CAMPELLO, 2009) e principalmente internacionais (ROMÃO, 2010).

Algumas pesquisas têm indicado que os bibliotecários e os professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de letramento na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação (UNESCO, 1999, p. 2).

É por meio da ação colaborativa entre professores e bibliotecários que as ações para propiciar a competência em informação, ou seja, a autonomia dos alunos na interação com recursos informacionais e com a sua própria informação pode ser alcançada. No entanto, esta parceria nem sempre é possível ou fácil de ser estabelecida.

Entretanto, como afirma Montiel-Overall (2005), a colaboração entre bibliotecários e professores ainda precisa ser claramente definida. Dentre os possíveis fatores que contribuem para o hiato existente na comunicação entre bibliotecários e professores, Mota (2005) elenca os seguintes: falta de conhecimento por parte do professor acerca do acervo existente na biblioteca, falta de divulgação por parte dos bibliotecários dos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca; e falta de interesse por parte dos professores, que muitas vezes não são leitores.

Outro fator fundamental apontado por Macedo (2010) é que

Nem o bibliotecário escolar nem o professor do ensino básico conhecem, formalmente, a área um do outro. Um ou outro, em pequena escala, procura aproximar-se e apropriar-se de conhecimentos necessários ao fortalecimento de algo que ambos deveriam ter em comum, os recursos/fontes de informação em relação ao processo de ensino-aprendizagem da escola a que pertencem (MACEDO, 2005, p. 45).

Assim, é importante que exista uma aproximação entre todos os agentes educacionais e o bibliotecário, que em última instância também é um deles. A parceria entre os professores e o bibliotecário em particular é fundamental, pois o primeiro é quem lida mais diretamente com a aprendizagem dos alunos, com o conteúdo curricular e tem domínio das teorias de ensino-aprendizagem. Já o bibliotecário é coadjuvante desse processo. Ele deve participar do planejamento e da execução das atividades, enfocando em particular as atividades relacionadas ao uso de recursos e fontes de informação e à leitura. A formação didática, embora desejável à formação do bibliotecário, não faz parte do currículo da maioria dos cursos de formação de bibliotecário do país (MATA; CASARIN, 2012). Por isto, a colaboração entre estes dois atores é tão salutar.

Na área da educação, o conceito de colaboração foi definido por Friend e Cook (1990, p. 169 apud CAVALCANTE, 1998) definem colaboração como “um estilo de interação entre, no mínimo, dois parceiros equivalentes, engajados num processo conjunto de tomada de decisão, trabalhando em direção a um objetivo comum.” Esse conceito pressupõe que os participantes ou parceiros sejam vistos como equivalentes, o que é o primeiro obstáculo, pois, conforme foi apontado anteriormente, os agentes educacionais desconhecem o papel exercido pelo bibliotecário na escola. Também pressupõe que os colaboradores tenham um objetivo comum, o que, no caso da biblioteca escolar, em última análise, é a aprendizagem do aluno. Mas pode-se perguntar sobre qual conteúdo? Para Friend e Cook (1990, p. 169 apud CAVALCANTE, 1998) para que ocorra colaboração é necessário ainda: a) participação de todos; b) compartilhamento de responsabilidades; c) compartilhamento de recursos; e d) voluntarismo. Assim, a ação colaborativa na educação possibilita que as responsabilidades sejam divididas entre a comunidade de educadores, na qual todos são considerados responsáveis pelo alcance do sucesso acadêmico.

A pesquisadora Patricia Montiel-Overall (2005, p. 5), vem de longa data se dedicando ao estudo da colaboração entre professores e bibliotecários. Segundo ela,

a colaboração é um relacionamento confiante de trabalho entre dois ou mais participantes iguais envolvidos em um pensamento partilhado, partilhando planejamento e criação de instrução integrada. Através de uma visão compartilhada e objetivos compartilhados, são criadas oportunidades de aprendizagem dos alunos que integram conteúdos e competência em informação por co-planejamento,

co-implementação e co-avaliação do progresso dos alunos em todo o processo de ensino, a fim de melhorar a aprendizagem dos alunos em todas as áreas o currículo. (tradução nossa<sup>7</sup>).

Taylor (2005), citado por Rodrigues (2010), apresenta vários benefícios resultantes da colaboração professor-bibliotecário. Dentre eles:

A otimização do tempo destinado ao ensino, graças à partilha das ideias, responsabilidades e disponibilidade de dois professores para trabalharem com os alunos;  
Redução da incidência de plágio através da solicitação de evidências do emprego do pensamento crítico e da capacidade de síntese de informação;  
Integração do ensino das novas tecnologias, promovida pelo Professor Bibliotecário [denominação utilizada pelo autor nesse texto];  
Partilha de esforços na promoção do letramento e do gosto pela leitura.

Embora muitos reconheçam a importância do trabalho colaborativo entre professores e bibliotecários, essa ainda está distante de nossa realidade. Um dos fatores é a cultura escolar, que “maioria das vezes, desprestigia o papel do profissional bibliotecário e não reconhece a biblioteca escolar como instrumento pedagógico capaz de contribuir para com os processos de aprendizagem” (PEREIRA, 2010, p. 67).

Outro fator que dificulta a colaboração entre bibliotecários e professores, no caso brasileiro, é ausência do bibliotecário nas bibliotecas escolares. São poucas as escolas que contam com bibliotecas e aquelas que as têm, nem sempre contam com um bibliotecário. O que causa, por exemplo, um desconhecimento sobre o papel deste profissional por parte de professores e dirigentes, conforme foi apontado anteriormente. Nas escolas em que o bibliotecário está presente, nem sempre é visto como um parceiro pelo professor e o trabalho colaborativo que se desenvolve entre ambos “não se situa num nível de envolvimento pleno, mas tão só numa articulação ao nível da produção de materiais, da dinamização pontual de atividades extracurriculares” (RODRIGUES, 2010, p. 21).

Na tentativa de desenvolver um instrumento que possibilitasse verificar em que moldes vem sendo estabelecida a colaboração entre bibliotecários e professores, Montiel-Overall (2005) propôs quatro modelos, baseando-se na taxonomia de Loertscher (1988)<sup>8</sup>. São eles: Modelo A - Coordenação; Modelo B: Cooperação; Modelo C: Ensino integrado; e Modelo D: Currículos Integrados.

**Modelo A - Coordenação** - A coordenação envolve o mínimo de comunicação e confiança entre o professor e o bibliotecário, isto é, há o mínimo de envolvimento entre ambos. Eles coordenam e organizam individualmente suas atividades com os alunos. O bibliotecário é minimamente envolvido no trabalho dos professores com os alunos e vice-versa. (MONTIEL-OVERALL, 2005).

**Modelo B – Cooperação** - Este modelo de cooperação representa o início da interação do trabalho de professores e bibliotecário, a fim de enriquecer as oportunidades de aprendizado dos alunos. Ambos cooperam na realização das atividades ao dividirem as tarefas para o benefício mútuo. Contudo, eles não estão necessariamente compartilhando ideias, planos e o ensino (MONTIEL-OVERALL, 2005).

**Modelo C – Ensino integrado** - O modelo do ensino integrado reflete um nível mais profundo

<sup>7</sup> Collaboration is a trusting, working relationship between two or more equal participants involved in shared thinking, shared planning and shared creation of integrated instruction. Through a shared vision and shared objectives, student learning opportunities are created that integrate subject content and information literacy by co-planning, co-implementing, and co-evaluating students' progress throughout the instructional process in order to improve student learning in all areas of the curriculum. (MONTIEL-OVERALL, 2005, p. 5).

<sup>8</sup> LOERTSCHER, David V. *Taxonomies of the school library media program*. Englewood: Libraries Unlimited, 1988.

de comprometimento entre o bibliotecário e o professor. Tal modelo abrange o compartilhamento de pensamentos, planejamento e a integração de oportunidades inovadoras na aprendizagem. Ambos se encontram para decidir os objetivos articulados e fazem um esforço consciente para integrar suas áreas de especificidade nas aulas (MONTIEL-OVERALL, 2005).

**Modelo D - Currículos Integrados** - A integração dos currículos permite a ampla colaboração entre professores e bibliotecários. O principal objetivo é criar um ambiente de aprendizagem conduzido pela colaboração. Ambos se encontram regularmente para planejar, avaliar e implementar, de forma integrada, atividades da biblioteca e matérias no currículo relacionadas à biblioteconomia, como por exemplo, a competência em informação (MONTIEL-OVERALL, 2005).

A maioria dos textos que abordam a questão da colaboração entre bibliotecários e professores se atém ao aspecto teórico do assunto. Poucos são aqueles que fazem uma verificação *in loco* de como se dá essa colaboração. Para ilustrar a aplicação do modelo proposto por Montiel-Overall (2005), foi realizado um levantamento em duas escolas da cidade de Marília-SP.

#### **4 Aplicação do modelo de colaboração entre professores e bibliotecários de Montiel-Overall (2005)**

Para aplicação do modelo de colaboração de Montiel-Overall (2005), foram realizadas entrevistas com duas bibliotecárias de duas bibliotecas escolares da cidade de Marília-SP. Sendo elas uma escola particular e uma escola vinculada a uma fundação sem fins lucrativos, as quais serão nomeadas como escola A e escola B. É importante salientar que poucas escolas da cidade de Marília, inclusive escolas privadas, possuem bibliotecário. A entrevista seguiu um roteiro semi-estruturado e os dados foram gravados e transcritos integralmente para posterior análise. Para tanto, utilizou-se as normas de transcrição apresentadas por Marcuschi (1986).

O processo de análise ocorreu a partir da técnica de análise de conteúdo por categorização (FRANCO, 2008). Assim, a análise foi pautada nas seguintes categorias:

- Atividades realizadas em conjunto;
- Desenvolvimento das atividades em parceria;
- Condições estruturais da biblioteca;
- Condições políticas da biblioteca;
- Níveis de colaboração entre bibliotecários e professores;
- Competência em informação.

Em seguida, as informações foram interpretadas a partir de um quadro de análise, o qual possibilitou uma leitura ampla da existência ou não da ação colaborativa, bem como níveis de colaboração entre bibliotecários e professores.

##### **4.1 Atividades realizadas nas bibliotecas**

Foi perguntado aos bibliotecários quais atividades eram realizadas na biblioteca escolar, a fim de verificar se eram desenvolvidas em conjunto ou não. Observou-se que o bibliotecário da escola A, em parceria com os professores realizava várias atividades extracurriculares, entre as quais foram citadas: contação de histórias, sarau, varal de camisetas que contém poesias, bate-papos com os alunos sobre atualidades, sessão de cinema e encenação de livros. Como ilustra o relato a seguir:

Eu fiz [...] nós fizemos um teatrinho de um clássico da literatura com os alunos do ensino médio que vão prestar vestibular. Nós fizemos do Dom Casmurro, nós fizemos esse teatrinho e utilizamos os professores de literatura para fazer/.../ (escola A)

Contudo, podemos notar que atividades de apoio aos conteúdos ministrados nas disciplinas, como por exemplo, apoio a realização de trabalhos e pesquisas não foram mencionadas, pois o bibliotecário focou as ações relacionadas à leitura e à discussão de temas que interessam aos alunos. Como afirma ele, no trecho, a seguir: “Eu não fico tão preso ao trabalho que tá sendo feito dentro da sala de aula [...] a biblioteca deixa de ser um lugar agradável e com novidades, para se tornar a extensão da sala de aula” (ESCOLA A).

Na escola B, ocorrem tanto atividades curriculares, como extracurriculares, ambas realizadas em parceria com os professores. Nas atividades curriculares, que estão relacionadas diretamente com os conteúdos desenvolvidos em sala de aula, a atividade que tem predominância é a pesquisa escolar. Os alunos desta escola, de acordo com o relato da bibliotecária, são preparados para esta atividade desde o início do ensino fundamental:

a gente prepara o aluno quando ele está começando a ser usuário da biblioteca, desde pequenininho até, vai mais ou menos até o quinto ano que ele tem independência, a hora que ele chega à biblioteca, para escolher o livro, para saber onde está o livro. Então a gente vai preparando, começa já no segundo [ano] quando os pequenos grupinhos levam, mostram a estante, veem como é a organização, se eles querem retirar um livro, como ele faz para colocar de volta, ou não.

Ainda sobre a pesquisa escolar, a bibliotecária da escola B relata que realiza um direcionamento de materiais para os alunos de forma a auxiliá-los na elaboração de suas pesquisas e também na elaboração das apresentações em *Power Point*, que algumas vezes são elaboradas na própria biblioteca.

Nas atividades extracurriculares também estão inclusas atividades lúdicas, como teatro de fantoches e hora do conto, sendo que esta última é dividida por gênero literário voltado às séries específicas, como contos de fadas para o primeiro ano, fábulas para o segundo e lendas para o terceiro. Ainda como atividades extracurriculares, a escola B realiza anualmente uma mostra literária, um evento que visa a promoção da leitura, incluindo atividades como contação de histórias, encontro com autores, peças de teatro, baseadas em livros que os alunos leem e, ainda, com exposição de seus trabalhos, como experimentos de ciências, informática e arte.

Outra atividade realizada pela biblioteca B é a orientação aos alunos que participam de concursos de monografias e redação, que segundo a bibliotecária, já receberam diversos prêmios:

o aluno sozinho, ele vem na biblioteca e organiza um cronograma de estudo, ele vai escrever, assim, um texto grande sobre um tema, aí a gente seleciona todo o material que têm, faz a correção das referências bibliográficas, ajudo a estruturar no formato que o concurso pede, a gente tem vários que foram premiados naquele da Unesco. (ESCOLA B)

#### 4.2 Desenvolvimento das atividades em parceria

No que se refere ao desenvolvimento das atividades realizadas em conjunto pelos bibliotecários e professores, foram observados aspectos relacionados aos procedimentos e às abordagens de tais atividades.

Na escola A, o bibliotecário e os professores abordaram temas atuais ou polêmicos, tais como *bullying* e tragédias naturais recentes, para desenvolver atividades na biblioteca, pois eles acreditam que de tal forma possam atrair o interesse dos alunos para usar a biblioteca, pois assim, segundo a bibliotecária, “realmente tem uma busca da forma que deve ser feita, não aquela coisa só do copiar e colar [...] eles usam mais a biblioteca” (BIBLIOTECÁRIO A).

Quanto aos procedimentos, o bibliotecário e os professores fazem pesquisas sobre o tema com os alunos e, a partir disso, realizam exposições na biblioteca e discussões norteadas por professores, bibliotecário ou especialista da área.

Na escola B, as atividades curriculares têm maior destaque e são realizadas de uma maneira

diferente daquelas desenvolvidas na escola A, apesar de serem abordados temas atuais nas pesquisas escolares. Outra característica dessa escola é que a bibliotecária teve, em sua formação acadêmica, uma experiência com um programa de competência em informação, o que acabou refletindo em seu trabalho na instituição. O trabalho desenvolvido pela bibliotecária é pautado na obra “Como usar a biblioteca na escola” (KUHALTHAU, 2004), conforme esclarece o relato da mesma:

a maior parte das atividades foi baseada no livro, assim, algumas coisas a gente vai adaptando, ou não faz, porque a biblioteca não comporta, não pode, não pode [...] porque [...] da sala de aula, para fazer uma atividade que não esteja ligada a aprendizagem, não tem como. Então, mas toda proposta é baseada sim no livro, inclusive tem assuntos, assim, que é novidade para os professores, também no começo era, porque a gente está com uma turma de professores já faz bastante tempo que não muda, mas tem algumas coisas que eram novidades para eles, o treinamento para usar o dicionário, a gente sempre ajuda também.

O fato de a bibliotecária ter participado de um programa sobre competência informacional na graduação foi de fundamental importância para a existência desse tipo de atividade na escola e se tornou um diferencial dessa em relação às demais da rede a qual ela está integrada. Vale também esclarecer que, embora o trabalho desenvolvido pela bibliotecária seja diferenciado em relação às demais de sua rede, há uma percepção da organização da importância da biblioteca escolar e da existência de um responsável capacitado, o que faz toda a diferença.

Para o desenvolvimento das pesquisas escolares, a bibliotecária da escola B auxilia principalmente na escolha dos materiais que serão utilizados pelos alunos:

Assim, durante o ano são vários temas de pesquisa, a gente procura, é, direcionar tudo que eu tenho na biblioteca, por exemplo, a pesquisa sobre a fome, aí eu faço um levantamento de periódicos, jornais que a gente tem na biblioteca, além dos livros. E assim vai durante todo o ano.

Esse tipo de levantamento também é feito quando os alunos precisam pesquisar na internet. Nessa escola, os professores juntamente com a bibliotecária escolhem previamente alguns sites sobre o assunto a ser abordado. Estes são indicados aos alunos para que tenham um ponto de partida para “pesquisar”. Destacamos esta palavra, pois apesar de ter sido essa utilizada pela bibliotecária, não é o que realmente ocorre.

A concepção geral de uma pesquisa seria um tipo de atividade em que o sujeito se envolve, sozinho ou com o seu grupo, em todas as etapas, que vai desde a identificação de um problema de informação até a sua resolução (MOÇO, 2010; KUHALTHAU, 2010). Entretanto, esse tipo de atividade envolve uma série de tarefas, a iniciar pela escolha das fontes que ele necessitará para responder o seu problema. Essa seria uma etapa fundamental, pois demanda um raciocínio acerca de que tipos de fontes utilizar, em que suporte, a forma como se terá acesso à elas, a localização, a avaliação do que foi encontrado e, posteriormente, a compilação das informações obtidas. Ao indicar os materiais ou sites que já tem o conteúdo a ser trabalhado, é excluída essa etapa fundamental, que é necessariamente a base de qualquer pesquisa e, até mesmo, da competência em informação.

Conforme apontado no tópico anterior, a escola B realiza anualmente uma mostra literária. Nesse evento há uma participação significativa da bibliotecária, no que se refere ao levantamento de livros que foram lidos pelos alunos durante o ano para a organização de peças teatrais, contatos com autores de livros que participam do evento e contato com outras escolas da cidade que fazem visita na escola durante o mesmo.

#### **4.3 Condições estruturais da biblioteca**

Durante as entrevistas, foi possível verificar as condições estruturais das bibliotecas das escolas. Foram observados os seguintes aspectos: os espaços físicos das bibliotecas, os recursos e o acervo disponíveis.

Foi possível perceber que a biblioteca da escola A possui boas condições estruturais para a realização de suas atividades, pois apresenta um amplo espaço para sua realização, com salas de estudo e sala para contação de histórias; mesas para leituras; alguns computadores para pesquisa; acervo aberto aos alunos; uma parede com revestimento semelhante à lousa destinada aos recados dos alunos; e projetor multimídia que o bibliotecário utiliza para diversas atividades, tais como: música, apresentação de shows ou outra atividade.

Para a divulgação dos serviços, a biblioteca da escola A fixa diversos cartazes coloridos na sua entrada e mensagens nas paredes para os alunos. Apresenta, ainda, conta em redes sociais, como *Twitter* e *Facebook* e um quadro com sugestões de leitura.

Na escola B, a biblioteca também apresenta ótimas condições estruturais, ocupando uma sala em dois andares, sendo o térreo o espaço em que ocorrem as atividades e onde que ficam mesas e computadores para o uso dos alunos, jornais e revistas e o espaço para a projeção de trabalhos (já que essa conta com projetor). Há também neste piso uma área para a bibliotecária e demais funcionários da biblioteca, uma auxiliar e uma estagiária. No piso superior está localizado o acervo geral, que tem em média 22.500 itens.

#### **4.4 Condições políticas da biblioteca**

No que se refere às condições políticas da biblioteca com a instituição, foram identificadas as seguintes possibilidades: participação nas reuniões da escola e realização de avaliação formal das atividades desenvolvidas.

Pode-se notar que na escola A, embora a biblioteca seja considerada um setor da escola, a bibliotecária tem liberdade para tomar decisões, sem interferências de superiores hierárquicos e participa ativamente das reuniões de planejamento do colégio. No entanto, não há cobrança de relatórios ou avaliação formal das atividades desenvolvidas.

Na escola B, a biblioteca está inserida formalmente dentro da política institucional da escola. A bibliotecária participa das reuniões de planejamento pedagógico, no que se refere às ações voltadas para a leitura ou que de alguma forma envolvam a biblioteca, como a aquisição de materiais. Os professores têm um tempo reservado por mês para planejar atividades que envolvam a biblioteca. As atividades realizadas na biblioteca são registradas e são reportadas à coordenação da escola, e algumas vezes também ao setor central de bibliotecas da instituição, que se localiza em Osasco-SP. Este registro é chamado “Relato de atividade pedagógica”, e devem conter o título da atividade, objetivo, metodologia e forma de avaliação.

As bibliotecas da instituição a qual a escola B faz parte contam com um manual de serviços que apresenta orientações para a elaboração e realização de atividades, já que nem todas as bibliotecas contam com bibliotecário. Dessa forma, busca-se uma padronização na estrutura dessas atividades entre as unidades.

Outra atividade desenvolvida pela biblioteca da escola B é a apresentação aos alunos ingressantes no início do ano letivo, no momento em que esses recebem as orientações sobre a escola como um todo.

#### **4.5 Níveis de colaboração entre bibliotecários e professores**

Por meio das entrevistas foi possível identificar os níveis de colaboração entre os bibliotecários e os professores. As falas dos bibliotecários evidenciam aspectos relacionados com os quatro modelos de colaboração propostos por Montiel-Overall (2005).

De maneira geral, o bibliotecário da escola A desenvolve várias atividades em parceria com os professores. O nível de colaboração entre eles, contudo, oscila em alguns momentos. No nível de cooperação é caracterizado pelo início da interação a fim de beneficiar os alunos, como é exemplificado no relato abaixo:

Então, aí eu vou atrás dos professores para ajudar e na medida do possível eles me auxiliam. Tem casos em que eles também não sabem e eles também vão atrás. Mas, já assim, eles se mostram dispostos a participar desta busca, a participar [...] e isso já é um ganho imenso (BA).

O outro nível é o de coordenação, pois em tal nível a organização ocorre de maneira individual com os alunos, como ilustra o trecho a seguir:

Mas, geralmente, sou eu mesma que organizo (*as atividades desenvolvidas na biblioteca*), porque eu acho que essa é uma das funções do bibliotecário (BA).

Através da análise das ações que são desenvolvidas na biblioteca da escola B podemos verificar que o nível de colaboração entre bibliotecário e professores é o nível de ensino integrado, em que ambos trabalham em conjunto para a consecução de objetivos comuns, nos quais as atividades são planejadas e desenvolvidas em conjunto. Isso pode ser observado tanto através das políticas existentes, como pelos serviços e atividades oferecidas pela própria biblioteca, que sempre conta com o envolvimento dos professores, conforme foi descrito no item anterior.

#### 4.6 Competência em informação

Foi perguntado aos bibliotecários o que entendiam sobre competência em informação, com a finalidade de verificar se conheciam a temática. Observou-se que o bibliotecário da escola A não conhece o tema, como retrata o trecho a seguir no qual o bibliotecário descreve como instrui uma criança durante uma pesquisa:

...você vai fazendo perguntas e aí você vai vendo o que até que ponto ele conhece do tema, geralmente eles conhecem muito pouco. Então, aí você vai direcionando, mas antes de fazer esse direcionamento, normalmente eu deixo eles no computador para ver até onde eles vão, aí eles me mostram, eu digo - mas você acha que é só isso que você sabe? Será que você não pode buscar um pouco mais?

A bibliotecária da escola B demonstrou sua visão sobre a competência em informação através de um exemplo, que essa seria “a capacidade que o aluno tem de mobilizar ações em prol do desenvolvimento de um tema de pesquisa” (BB).

Durante as entrevistas nas escolas A e B, foram realizadas perguntas relacionadas à questão da competência em informação, especificamente sobre a realização da pesquisa escolar e se existe a prática do “copiar e colar” entre os alunos. Foi possível verificar que, de maneira geral, os alunos da escola A não realizam pesquisas escolares sobre conteúdos das disciplinas. As pesquisas realizadas estão relacionadas à curiosidade e atualidades, muitas vezes partindo do próprio aluno. Conforme o relato do bibliotecário da escola A, esta prática foi considerada pela equipe da escola como mais produtiva e motivadora e que leva efetivamente o aluno a realizar uma pesquisa adequada, evitando assim o ato de copiar e colar. O trecho a seguir ilustra tais considerações:

...com a experiência você observa é que todo trabalho de pesquisa nunca dá certo. Porque o aluno vai copiar e colar, não é uma coisa da curiosidade dele, é uma coisa só *pro forme*, então [...] a gente (*bibliotecário e professores*) conversando, discutindo que isso não é por aí. Então, o que a gente faz? esse sistema que eu estou falando para você das curiosidades, que vem da atualidade, dos acontecimentos, então, aí a gente percebeu que realmente tem uma busca da forma que deve ser feita (BA).

Diferentemente, conforme apresentado anteriormente, a pesquisa escolar na escola B é uma atividade presente no cotidiano dos alunos. No entanto, quase sempre está restrita ao espaço da escola, pois essa não é exigida como tarefa de casa, conforme o próprio relato da bibliotecária:

[a pesquisa escolar] É sempre feita aqui na escola. Para a casa, assim, eles levam muito pouco. Para casa vai levantamento de algum assunto, não é nem uma pesquisa, por exemplo, sobre a fome, aí ela (a professora) dividiu em vários grupos, aí eles vão fazer levantamento de imagem, levantamento de texto de internet, aí eles trazem para discutir em sala, mas normalmente a pesquisa é feita aqui no ambiente escolar. (BB)

Mesmo com esse viés, foi possível verificar que existe um trabalho em prol dos elementos da competência em informação ao realizar-se a pesquisa escolar, como o uso ético da informação:

Já no quinto ano a gente começa a orientá-los, assim/ além de não esquecer de citar a fonte, já [...] fazer assim, citar da forma mais completa, colocar o título da revista no caso do periódico, número, o ano, autor, que é uma forma assim de você localizar depois a informação que eles pesquisaram (BB).

## 6 Considerações finais

Tendo em vista a potencialidade da biblioteca escolar enquanto espaço informacional promotor da competência em informação, esse artigo teve como objetivo refletir sobre o relacionamento entre bibliotecários e professores no contexto da escola. Contribuindo com subsídios teórico-metodológicos para futuras aplicações, visto que esse tema é escasso, principalmente na literatura nacional.

Para tanto, foi ressaltada a necessidade de se ter clareza sobre o conceito de biblioteca escolar no contexto atual, em que a biblioteca não deve ser vista apenas como depósito de livros, mas como um local dinâmico, composto por diversas mídias, integrado aos laboratórios de informática e contando com uma infraestrutura adequada. A biblioteca deve, ainda, contar com um profissional preparado, que trabalhe em colaboração com o professor. Neste contexto, o papel da biblioteca escolar não é apenas o de apoiar o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, mas de contribuir de forma significativa na formação do aluno, em particular nas questões relacionadas à leitura e ao uso de diferentes recursos informacionais.

Apresentamos os modelos de colaboração entre bibliotecários e professores propostos por Montiel-Overall (2005) e foi realizada uma aplicação *in-loco* desses modelos em duas escolas. Os resultados indicaram que na escola A há predominância do modelo de cooperação, no qual o bibliotecário promove ações conjuntas com os professores para mútuo benefício e para desenvolvimento dos alunos, contudo, sem compartilhar atividades de ensino e planos de aula. Percebemos, ainda, que o bibliotecário da escola A não conhece os diversos aspectos que compõem a competência em informação, o que tem um impacto nas atividades desenvolvidas por ele e na formação do aluno para lidar com o universo informacional disponível. A falta de incentivo por parte do bibliotecário para a formalização da pesquisa no ambiente escolar pode decorrer da falta de seu domínio do tema.

Já a bibliotecária da escola B, que possui conhecimento e experiência sobre a temática da competência em informação, inclui o conteúdo em vários aspectos de sua atuação. Há diversos fatores nessa escola que podem também contribuir para tanto, como as políticas institucionais da rede escolar a qual ela pertence e o fato do quadro de professores estar consolidado há certo tempo. Ao que parece isto contribui positivamente para a continuidade das atividades e, também, pelo fato de que eles adquiriram experiência sobre o uso e serviços da biblioteca.

Finalizando, podemos dizer que há muito o que se pesquisar e trabalhar em relação a colaboração entre professores e bibliotecários no contexto nacional. Os modelos propostos por Montiel-Overall (2005) podem auxiliar os trabalhos a respeito desta temática por elencarem aspectos a serem observados.

Os agentes educacionais, juntamente com políticas adotadas pelas as escolas, podem interferir na formação dos alunos e no desenvolvimento da competência em informação pelos mesmos. Quando positiva, esta influência pode contribuir para um aprendizado amplo, que pode ser transposto a diferentes esferas da vida dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 12.244 de 25 de maio de 2020. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país. Brasília, *DOU*, 25 de maio de 2010.

CAMPELLO, B. S. (Coord.). *Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento*: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica; Conselho Federal de Biblioteconomia, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *Letramento informacional*: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. *Psicol. Esc. Educ.* 1998, v. 2, n. 2, p. 153-160. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85571998000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571998000200009&lng=pt&nrm=iso)>.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. *Psicologia Escolar e Educacional* (Impr.), Campinas, v. 2, n. 2, 1998. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85571998000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571998000200009&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 set. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000200009>

DURBAN ROCA, G. *Biblioteca escolar hoje*: recurso estratégico para a escola. Trad. de Carlos Henrique L. Lima. Porto Alegre: Penso, 2012.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 80 p.

GARCIA-QUISMONDO, Miguel; CUEVAS CERV ERO, Aurora. Biblioteca escolar para la sociedad del conocimiento en España. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652007000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 01 set. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652007000100004>

KUHLTHAU, Carol C. *Como usar a biblioteca na escola*: um programa de atividades para o ensino fundamental. 2. ed. Tradução e adaptação de Bernadete Santos Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 303 p.

\_\_\_\_\_. *Como orientar a pesquisa escolar*: estratégias para o processo de aprendizagem. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MACEDO, Neuza Dias de. (Org.). *Biblioteca Escolar brasileira em debate*: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac, 2005. 448 p.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MAROTO, Lucia Helena. *Biblioteca escolar, eis a questão!* Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 151 p.

MATA, Marta L. da; CASARIN, Helen de C. S. Inserção de conteúdo de competência informacional e de formação pedagógica nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil In: XIII ENANCIB, 2012, Rio de Janeiro. No prelo.

MOÇO, Anderson. 5 etapas da boa investigação. *Revista Nova Escola*, São Paulo, v. 25, n. 237, p. 40-47, nov. 2010.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. A theoretical understanding of teacher and librarian collaboration (TLC). *School Libraries Worldwide*, v. 11, n. 2, p. 24-48, 2005.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária. IN: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG/Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, 2005.

PEREIRA, R. *Aplicação da competência em informação no contexto escolar: uma experiência no Colégio Militar de Campo Grande - MS*. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, 2010.

PIMENTEL, Graça. *Biblioteca escolar*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 117p.

RODRIGUES, Maria do Céu Gomes Dias. *Estratégias para demonstrar o valor da biblioteca escolar e obter colaboração*. Um estudo numa escola secundária com 3º Ciclo. 164 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares) - Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, 2010.

SANTOS, Maria Lucília Marques dos. *Bibliotecas escolares: que colaboração?* 2010. 120f. Dissertação (mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares) - Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, 2010.

UNESCO. *Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar*. São Paulo, 1999. Disponível em: < <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf> >. Acesso em: 05 jun. 2007.

UNESCO. *Diretrizes IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar*. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt\\_BR.pdf](http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2009.

Recebido em outubro de 2012.

Aprovado em Janeiro de 2013.